



FREITAS, Camila Maria Grazielle. Realidade e Ficção: Desconstruindo Elementos para outra Narrativa. Natal: Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas – UFRN. Mestranda; CAPES; Orientador: Alex Beigui.

RESUMO

A tentativa de identificar o que existe de realidade ou ficção em um texto literário é uma das proposições efetuadas com o intuito de ampliar a compreensão acerca da obra artística. A dificuldade em estipular o que é realidade ou ficção dentro de um texto literário torna-se não só um sintoma percebido pela recepção do objeto artístico, mas observa-se a tentativa de alguns autores em explorarem nas suas obras a relação entre essas duas possibilidades de criação artística, procurando nessa dicotomia, uma estética a ser trabalhada no processo criativo. Nesse sentido, o presente trabalho visa abordar as relações existentes entre o discurso autobiográfico e ficcional, assim como os eixos teóricos que ao transitarem por essas duas vertentes mostram aspectos de uma narrativa voltada para uma reinvenção das experiências pessoais no intuito de torná-las ficcionalizadas. O discurso dramático torna-se, dentro dessa perspectiva, o ponto chave da análise, uma vez que demonstra singularidades que os demais gêneros literários não possuem; dificultando a possibilidade de se verificar a voz do autor no discurso das personagens ou até mesmo nas didascálias.

Palavras-chave: Realidade: Ficção: Discurso: Drama.

ABSTRACT

The attempt to identify what exists on reality or fiction in a literary text is one of the propositions made with the intention of broadening the comprehension about the artistic work. The difficulty of stipulating what is reality or fiction within a literary text becomes not only a symptom noticed by the reception of the artistic work, but it is also noticed the attempt of some authors on exploring in their own works the connection between the two artistic creative possibilities, seeking in this dichotomy, an aesthetic to be worked in the creative process. Therefore, this paper aims to address the relation between the autobiographic and fictional discourse, as well as the theoretical axes considering that as they transit through these two sections they show aspects of a new narrative focused on a reinvention of personal experiences in order to make them fictionalized. The dramatic discourse becomes, within this perspective, the key point to the analysis, since it demonstrates singularities that no other literary genres has; hampering the possibility of verifying the author's voice in the characters' speech of even the stage directions.

Keywords: Reality: Fiction: Discourse: Drama.

Existem diferentes teorias que explicam a relação entre ficção e realidade, estando estas marcadas pelo aspecto histórico que envolve a narrativa do real. Ao longo deste artigo procuraremos expor aspectos que dizem respeito à construção dramática sob a perspectiva do discurso autobiográfico, apontando suas especificidades dentro do contexto dos estudos literários e históricos.

Nesse sentido, partimos dos primeiros escritos sobre a realidade para demonstrar o caráter de documentação a que estavam atrelados. Estes escritos remontam à Grécia Antiga, onde procuravam-se não apenas narrar a vida, mas a “maneira de viver” (DOSSE, 2009, p. 123) de acordo com a moralidade de um povo e de uma determinada personagem política.

As primeiras manifestações de um discurso que transita entre a realidade e a ficção, dentro de uma mesma narrativa, têm nas biografias cavalheirescas o elemento ficcional a ser acrescentado, pois as histórias de bravura e de feitos de batalha acompanham uma tentativa de romancear os fatos acontecidos e que estão sendo narrados. O autor François Dosse (2009) aponta nos estudos das narrativas medievais “um gênero em tensão constante entre história e ficção” (p. 153). Nesse sentido, o discurso biográfico passa para a elaboração de uma narrativa “falseada”, uma vez que o componente histórico é impregnado pela livre expressão do biógrafo que ao se apropriar de uma história acrescenta aspectos da sua imaginação. Para Dosse:

O recurso à ficção no trabalho biográfico é, com efeito, inevitável na medida em que não se pode restituir a riqueza e a complexidade da vida real. Não apenas o biógrafo deve apelar para a imaginação em face do caráter lacunar de seus documentos e dos lapsos temporais que procura preencher como a própria vida é um entretido constante de memória e olvido. Procurar trazer à luz é, pois, ao mesmo tempo a ambição que orienta o biógrafo e uma aporia que o condena ao fracasso. (DOSSE, 2009, p. 55)

O biógrafo é imbuído de uma narrativa do outro e, por conseguinte, se vê compelido a dar conta de uma história vivenciada pelo outro; qual seria a resposta ao discurso desse biografado senão uma elaboração romanceada pelo biógrafo. Nessa perspectiva, ao condenar o biógrafo ao fracasso a narrativa biográfica ganha em termos de linguagem, pois permite a criação de um gênero híbrido e aberto para a diversidade que o Eu, tanto do biógrafo, quanto do biografado apresentam. No entanto, esta seria uma das diferenças que podemos apontar nos discursos biográficos e nos autobiográficos. Enquanto a biografia narra a vida de terceiros, estando no foco o outro, sempre sob o olhar de uma pessoa que se mantém no exterior dos eventos narrados, a autobiografia revela o Eu sob a perspectiva e interpretação que o sujeito faz de si mesmo e sua visão diante o mundo.

Para Philippe Lejeune (2008), o discurso autobiográfico possui uma elaboração delimitada dentro dos aspectos da escrita em prosa e segundo uma equivalência entre os elementos: personagem, autor e narrador. Essas são algumas das características que colocam a autobiografia como uma narrativa de confiabilidade entre o autor e o leitor da obra, uma vez que este deve estar ciente que a narrativa está se referindo aos aspectos da realidade vivenciada e não aos elementos provindos da imaginação. Lejeune atribui ao texto biográfico e autobiográfico o caráter de “textos *referenciais*” (2008, p. 36), pois tal como o discurso científico ele sua narrativa refere-se a uma documentação de informações de uma realidade existente. Segundo o autor, essa relação fidedigna tem por finalidade não apenas uma verossimilhança, mas identificação com os fatos reais. Todavia, a escrita de equivalência em que o personagem principal é aquele que narra a história e que, por sua vez, é o escritor da obra diminui muito as possibilidades de um discurso autobiográfico,

pois restringe à uma forma determinada aspectos que são por excelência híbridos.

Nesse sentido, ressaltamos a importância de um discurso voltado para a união dos elementos ficcionais e da realidade. Sendo assim, o autor Serge Doubrovsky cria na contramão do Lejeune um conceito que abarca os aspectos romanceados e que mantém a realidade como inspiração para a narrativa. A “autoficção” surge para exemplificar uma categoria de discurso voltada para a elaboração de uma narrativa que se assemelhasse ao romance, em seus elementos poéticos e na quebra da sequência dos fatos históricos. Assim, o discurso não precisaria estar fadado à narrativa histórica, pois abarcaria uma poética própria dos textos romanceados. Eurídice Figueiredo (2007) cita em seu artigo: “Dany Laferrière: autobiografia, ficção ou autoficção?” uma entrevista feita à Doubrovsky em que o autor fala da relação temporal nos textos autobiográficos e autoficcionais; enquanto aqueles representam um passado estes se caracterizam pela “escrita do presente” (p.56). A diferença de uma narrativa no passado e no presente tem relação direta, entre outras, com o gênero épico e dramático, respectivamente.

Partindo desta perspectiva, o texto autoficcional se aproxima do discurso do gênero dramático não só por sua representação temporal, mas, sobretudo, por comportar em sua forma uma poética diferenciada do discurso histórico. Doubrovsky relata sobre uma maior liberdade com o conteúdo do texto narrado, mas ainda se apegava às formas propostas pelo próprio Lejeune no que se refere ao autor, ao narrador e ao personagem principal, ou seja, estes ainda necessitam estar referenciados pelo mesmo nome ao longo da narrativa. A problemática do texto dramático autobiográfico encontra nesse ponto uma das questões a ser desdobrada, pois dificilmente haverá um narrador para o drama, salvo algumas exceções do drama épico.

As leituras dos textos autobiográficos ou autoficcionais apontam para o que Leonardo Ramos de Toledo assinalou a respeito das posturas extremadas no que condizem à recepção, ou seja, os textos podem ser interpretados segundo uma visão ingênua pelo leitor; ingênua por pensar que todos os elementos presentes na narrativa condizem, precisamente, aos aspectos da vida do autor. E, ainda assim, existem os leitores que atribuem à obra apenas o caráter ficcional desacreditando da possibilidade de inserção da realidade em uma obra ficcional. Para este pensamento o próprio Toledo afirma sob a perspectiva do autor da obra autobiográfica e da criação artística o seguinte:

Um texto autobiográfico nunca é totalmente ingênuo. Por trás de cada manifestação do gênero está guardado um objetivo específico que orienta a construção da obra. A intenção do autor é, ao mesmo tempo, a chave para compreender o texto e constitui elemento de interesse para o leitor, que pode investigar as artimanhas do escritor nas entrelinhas da obra. Nesse caso, cabe a análise da estrutura narrativa e da retórica empregada. Esse tipo de abordagem permite uma leitura menos ingênua do texto em que o autor não é visto como um redator desinteressado e estritamente fiel aos fatos, mas como alguém que pretende dar a sua versão sobre os episódios narrados. (TOLEDO, 2008, p. 31)

O trabalho de identificar numa obra autobiográfica os elementos biográficos revela-se quase impossível, salvo os casos em que o próprio autor aponta a

semelhança. Pois, nesse sentido, a realidade mistura-se com a ficção e o autor cria essa miscelânea segundo uma estrutura bem elaborada e não por mera coincidência de caso. A autora Antonia Pereira Bezerra possui consciência dessa relação nada ingênua do autor com sua obra “biográfica”, uma vez que ela cria uma estrutura ao longo das suas peças: “A Morte nos Olhos”, “A Memória Ferida” e “Na Outra Margem” (2010), em um processo de criação dramática de acordo com uma “(re) invenção” (BEZERRA, 2010, p. 29) de si mesma, ou seja, ao narrar sua história essa se reinventa numa tentativa de criar uma história paralela à realidade anteriormente vivenciada.

A criação dramática autobiográfica está balizada segundo as experiências pessoais de cada sujeito. Partindo desta perspectiva, a narrativa parece ser a única forma que o autor ficcional achou para expressar a si mesmo, entendendo suas experiência e sua realidade. A autora Bezerra vê na narrativa um “instrumento e meio privilegiado de encontrar e entender o outro, de atribuir sentido à experiência vivida” (2010, p.17). A autora e dramaturga ao mesmo tempo em que recorre à elaboração teórica da narrativa procura criar suas obras dramáticas a partir do paradigma discursivo autobiográfico. A narrativa não é posta como mimese da realidade, mas uma manifestação criativa tendo em princípio a criação a partir da própria realidade; da mesma forma que tem na ficção o componente criativo que se mistura aos elementos biográficos, criando uma forma de escrita autoficcional. Este modelo de escrita gera uma fissura na continuidade da vida, pois pretende-se integrar ao real aspectos ficcionais e à ficção fatos reais para melhor compreender a realidade do autor e suas experiências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, Antonia Pereira. **Alteridade, Memória e Narrativa: Construções Dramáticas**. São Paulo: Perspectiva: CNPq, 2010.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida**. Tradução: Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FIGUEIREDO, Eurídice. Dany Laferrière: Autobiografia, Ficção ou Autoficção? In: **Interfaces Brasil/Canadá**. Disponível em: <http://www.revistabecan.com.br/arquivos/1173617264.pdf>. Acesso em: 04 abril 2011. Rio Grande, n. 7, 2007.

LEJEUNE, Philippe. **O Pacto Autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Trad. Jovita Maria G. Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

TOLEDO, Leonardo Ramos. **Confissão na Ribalta: O Teatro Autobiográfico de Mauro Rasi**. 2008. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=156067> Acesso em: 06 jul. 2012. Juiz de Fora – MG, UFJF, 2008.